

A PERCEPÇÃO DE RISCO NA IDENTIFICAÇÃO DE UM ESQUEMA FRAUDULENTO

Taís Serafin, Anelise Pioner, Isadora Rizzon de Vargas, Pascale Zampieri Miola

RESUMO

Os esquemas de fraudes representam sérios riscos à sociedade. Normalmente, são arquitetados para enganar e iludir, explorando a ganância e a falta de informação das pessoas. Esses esquemas fraudulentos, além de causar a perda financeira, levam a impactos emocionais e psicológicos, bem como a consequências legais. O objetivo deste trabalho é analisar a percepção de risco de um esquema fraudulento. Após a realização de uma pesquisa bibliográfica, foi aplicado um questionário para coleta de dados e utilizado o teste estatístico qui-quadrado de independência. Nota-se que o público masculino tem mais chances de considerar que conhecem o mercado de investimentos do que as mulheres, o que contribui para a literatura sobre gênero e percepção de risco, destacando diferenças nas atitudes de gênero em relação a investimentos. As descobertas relacionadas às diferenças de conhecimento financeiro, em relação à idade, oferecem *insights* sobre a importância de considerar o fator idade nas estratégias de educação financeira. O estudo mostra que a percepção de risco na identificação de esquemas fraudulentos está relacionada à educação e a experiência financeira, destacando a importância de programas que promovam esse conhecimento entre diferentes grupos e níveis de ensino. O estudo pode ajudar a aprimorar as estratégias de detecção de fraudes financeiras, uma vez que pessoas com menos conhecimento financeiro podem ser mais suscetíveis a esquemas fraudulentos. As descobertas podem contribuir para o empoderamento financeiro, permitindo que as pessoas tomem decisões mais informadas e seguras em relação a seus investimentos e finanças pessoais.

Palavras-chave: Fraude; Risco; Investimentos; Esquema Ponzi.

1 INTRODUÇÃO

O desejo persistente de acumular riqueza e poder tem se intensificado ao longo dos anos, alimentado pela evolução tecnológica e pelo acesso facilitado à informação. No entanto, apesar dessas inovações, as estratégias para obtenção rápida de dinheiro continuam fundamentalmente inalteradas. Um exemplo clássico é o esquema que leva o nome de Charles Ponzi (1882-1949), que popularizou o método conhecido como Esquema Ponzi e pirâmide financeira. Esse esquema, conforme descrito por Roncador (2022), baseia-se na promessa de altos retornos financeiros, financiados por novos investidores que pagam os retornos prometidos aos investidores anteriores.

A trajetória de Ponzi exemplifica a busca incessante por sucesso financeiro e o aproveitamento das vulnerabilidades no mercado financeiro. Após uma série de empregos e observações em um banco, Ponzi percebeu a atratividade dos investimentos com altos rendimentos e desenvolveu seu esquema fraudulentamente. A operação só foi interrompida após uma ação judicial sobre uma dívida de empréstimo, desencadeando uma crise para os investidores que não conseguiram reaver seus recursos (Roncador, 2022).

Este cenário de promessas financeiras atraentes persiste até hoje, adaptado para novas modalidades de investimento. Atualmente, muitos esquemas fraudulentos se apresentam sob a forma de investimentos aparentemente simples e inovadores, com rendimentos superiores aos

oferecidos por bancos comerciais ou instituições financeiras tradicionais. Tais investimentos são frequentemente promovidos por agentes que projetam uma imagem de confiança e expertise, visando atrair investidores com a promessa de maximizar seus retornos (Roncador, 2022).

A evolução desses esquemas inclui o uso de moedas digitais e promessas de retornos expressivos a curto prazo, o que acentua seu apelo. No entanto, apesar da aparência de inovação, esses esquemas frequentemente se baseiam em práticas antigas, como evidenciado por casos analisados pela Securities Exchange Commission (2013). Eles exploram vieses cogn

itivos, induzindo os investidores a acreditar nas promessas e no sucesso aparente do negócio, levando-os a tomar decisões inadequadas sem a devida análise crítica ou investigação sobre os riscos envolvidos (Gruppi; Horbucz, 2020).

Esse comportamento é particularmente perigoso, pois milhares de pessoas são seduzidas por propostas atraentes e prometem retornos elevados, comprometendo suas economias e recursos familiares na esperança de lucro. Em vez de obter os ganhos prometidos, muitos enfrentam graves dificuldades financeiras, recorrendo a empréstimos e vendendo bens para suprir suas necessidades (Duarte, 2021).

Diante deste cenário, é crucial identificar os sinais de esquemas fraudulentos para evitar danos financeiros irreparáveis. O presente estudo visa investigar e identificar as características dos esquemas fraudulentos, com um foco específico no Esquema Ponzi. A questão central da pesquisa é: Qual é a percepção de risco na identificação de um esquema fraudulento?

Através da análise de casos recentes, como os das empresas Indeal e Unick no Rio Grande do Sul, que prometeram lucros exorbitantes e foram alvo de operações da Polícia Federal, este estudo buscará avaliar o conhecimento e a vulnerabilidade de um grupo de pessoas em relação aos riscos desses esquemas. O objetivo é proporcionar uma compreensão mais clara sobre como identificar e evitar esquemas Ponzi, ajudando o público a proteger suas finanças e evitar os danos associados a esses esquemas fraudulentos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESQUEMA PONZI

O conceito de "Esquema Ponzi" deriva do nome de Charles Ponzi, um imigrante italiano que, estabelecido nos Estados Unidos e falecido no Brasil, criou um modelo de fraude financeira baseado na promessa de altos retornos rápidos. Consoante Roncador (2022), Ponzi estruturou seu esquema para aparentar investimentos legítimos, enquanto, na realidade, dependia da entrada constante de novos investidores para pagar os rendimentos prometidos aos investidores anteriores. Segundo a Comissão de Valores Mobiliários (2022e), no modelo clássico de esquema Ponzi, esses esquemas se apresentam como negócios supostamente legítimos, utilizando anúncios e ofertas de trabalho para enganar investidores com a promessa de ganhos elevados em curto prazo.

Os organizadores desses esquemas frequentemente atraem novos investidores com promessas de alta rentabilidade e baixo risco, empregando os novos aportes financeiros para pagar os investidores anteriores (Securities Exchange Commission, 2013). Recentemente, a popularidade das moedas digitais, como o Bitcoin, tem sido explorada por fraudadores, uma vez que essas operações são totalmente digitais e de difícil rastreamento, aumentando a vulnerabilidade dos investidores que não compreendem completamente essa tecnologia (Securities Exchange Commission, 2013).

Os fraudadores disseminam esses esquemas por meio de redes sociais, sites e eventos, apresentando-os de maneira a assemelhar-se a modelos de Marketing Multinível. Essa

abordagem pode levar a um crescimento exponencial dos esquemas, que eventualmente enfrentam colapsos quando os recursos disponíveis não são mais suficientes para cobrir os retornos prometidos (Dias, 2016). De acordo com a Securities Exchange Commission (2013), as características típicas de um esquema Ponzi incluem promessas de retornos excessivamente altos com pouco ou nenhum risco, falta de transparência e dificuldades para realizar resgates dos investimentos.

O Ministério Público Federal do Brasil (2016) recomenda a verificação da legitimidade dos investimentos, confirmando a existência de estoques reais e comparando as informações publicitárias com o faturamento declarado. Além disso, é crucial garantir que os ganhos advêm de vendas reais e não do recrutamento de novos investidores.

Além dos esquemas Ponzi, outros golpes financeiros comuns incluem: pirâmide financeira, Marketing Multinível, Forex, operações com criptoativos e falsos profissionais (Cotias, 2020). O Marketing Multinível cria a aparência de um negócio legítimo, baseado na venda de produtos e recrutamento de novos vendedores (Cotias, 2020). O Forex envolve a negociação de moedas internacionais e pode ser associado a fraudes devido à sua natureza de negociação sem a compra física das moedas (Comissão de Valores Mobiliários, 2022d). Criptoativos, embora legítimos, são frequentemente explorados em fraudes devido à sua natureza virtual e falta de regulamentação (Comissão de Valores Mobiliários, 2022c). Além disso, falsos profissionais que se passam por agentes financeiros não licenciados recrutam investidores para esquemas fraudulentos (Cotias, 2020).

Casos notáveis de esquemas Ponzi, como o da Telexfree e da Ideal, ilustram a magnitude dessas fraudes. A Telexfree, com sede no Espírito Santo, prometia altos retornos através da venda de pacotes de telefonia e recrutamento de novos associados. A investigação revelou que a empresa operava um esquema de pirâmide, resultando em grandes dificuldades para recuperar os fundos investidos (Gasparin, 2013; Diário de Pernambuco, 2022). A Ideal, com sede em Novo Hamburgo/RS, prometia retornos de até 15%, levando à Operação Egyto e à falência da empresa em 2023, deixando milhares de clientes lesados (Portal do Bitcoin, 2023).

Esses golpes geram danos significativos ao sistema financeiro e ao patrimônio dos consumidores, exacerbados pela rápida disseminação de informações e promessas de ganhos irreais (Ministério Público Federal do Brasil, 2016).

2.2 ALTERNATIVA LEGAL

O Marketing Multinível (MMN), apesar de apresentar uma estrutura similar ao esquema Ponzi, opera como um modelo legítimo e sustentável de negócios. Originado nos Estados Unidos em 1903, o MMN se expandiu globalmente e é baseado na comercialização de bens ou serviços, com a geração de receitas advinda do recrutamento de novos representantes, que, por sua vez, também recrutarão novos membros para a rede (Santos, Spers, & Cremonezi, 2017).

De acordo com o *site* Portal do Investidor da Comissão de Valores Mobiliários (2022e, n.p.), é habitual que esses

[...] esquemas piramidais se apresentarem como empresas de marketing multinível (esse sim um negócio legítimo), o que dificulta a identificação da fraude. No entanto, as empresas de marketing multinível oferecem produtos que de fato são demandados pelo mercado, enquanto as pirâmides em geral são baseadas na oferta de produtos ou serviços que não possuem um valor relevante de mercado.

No Marketing Multinível (MMN), os participantes atuam como distribuidores de produtos ou serviços e são responsáveis pelo recrutamento e treinamento de novos membros, criando uma estrutura em níveis (Santos, Spers, & Cremonezi, 2017). Exemplos notáveis incluem a Mary Kay, que opera dentro da legalidade e é regulamentada pela Associação Brasileira de Empresas de Vendas Diretas (ABEVD) e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (Santos, Spers, & Cremonezi, 2017).

Embora o MMN e o esquema Ponzi compartilhem uma estrutura piramidal, a principal diferença reside na forma de geração de receita. No MMN, a renda é proveniente da venda de produtos, e os distribuidores ganham bônus pelo recrutamento de novos membros. Em contraste, no esquema Ponzi, os ganhos são baseados principalmente nas taxas de entrada de novos participantes, sendo que apenas os primeiros investidores têm a possibilidade de lucrar antes do colapso do esquema (Santos, Spers, & Cremonezi, 2017). Segundo o Ministério Público Federal do Brasil (2016), o MMN é um modelo legítimo de distribuição que não depende do recrutamento contínuo para sua sustentabilidade. Além disso, o investimento inicial é baixo e não há taxas de franquia, permitindo flexibilidade e oportunidades de ganhos com base no esforço individual de cada participante (Santos, Spers, & Cremonezi, 2017).

2.3 PREVENÇÃO CONTRA GOLPES FINANCEIROS

Para evitar tornar-se vítima de golpes financeiros, é fundamental adotar alguns cuidados essenciais. A primeira etapa é realizar uma pesquisa minuciosa antes de efetuar qualquer investimento. Buscar informações sobre o mercado e o funcionamento do investimento pretendido é crucial. A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) oferece recursos educativos através do Portal do Investidor, que disponibiliza informativos e boletins úteis para auxiliar na tomada de decisão (Comissão de Valores Mobiliários, 2022b).

É importante ser crítico e desconfiar de promessas de retornos excessivos com baixo risco, uma vez que rentabilidade e risco estarem intrinsecamente relacionados. Os responsáveis por abordagens para novos investidores muitas vezes serem indivíduos com habilidades persuasivas e desonestas. Portanto, é aconselhável basear a decisão em informações substanciais e confiáveis (Comissão de Valores Mobiliários, 2022b).

Verificar se o ofertante do investimento está devidamente credenciado e autorizado, pois apenas instituições financeiras regulamentadas, como bancos e corretoras, ter permissão para oferecer investimentos. Essa verificação pode ser feita consultando a seção de Participantes do Mercado no site da CVM (Comissão de Valores Mobiliários, 2022b).

Antes de investir, deve-se compreender claramente os riscos e as características do investimento. Evitar decisões precipitadas e questionar todas as informações fornecidas. A pressão para tomar uma decisão rápida geralmente visam impedir uma análise mais aprofundada (Comissão de Valores Mobiliários, 2022b).

2.4 LEGALIZAÇÃO

Conforme Portal do Investidor da Comissão de Valores Mobiliários (2022a, n.p.), o seu objetivo é “disciplinar, fiscalizar e desenvolver o mercado de valores mobiliários no Brasil. É uma entidade autárquica, em regime especial, vinculada ao Ministério da Economia. Possui personalidade jurídica e patrimônio próprio [...]”. A CVM é o órgão responsável pela regulamentação do mercado de valores mobiliários e penalização por práticas fraudulentas.

A Comissão de Valores Mobiliários (2022), possui um aplicativo com o intuito de divulgar informações primordiais a população. Nele, é possível consultar informações cadastrais de todos os participantes cadastrados na CVM, além de informes de companhias abertas e fundos de investimentos.

Devido à proporção que esse assunto vem tomando e o número de casos permanece aumentando, a CVM em parceria com a Anbina criou ‘Um conceito de investir’, um *site* que detalha como ser um *trade* de sucesso e viver de renda, criando a própria rede de investimentos. Neste mesmo *site*, pode-se encontrar relatos de investidores bem-sucedidos, e um número aproximado de vinte e sete mil clientes, tudo é falso (COTIAS, 2020).

Quando optar por se cadastrar, aparece a seguinte mensagem: ‘você quase foi enganado’. O intuito do *site* é educativo, alertando e ajudando na prevenção de golpes financeiros (COTIAS, 2020). De acordo com Cotias (2020, n.p.), “em quatro meses no ar, teve 16,3 mil acessos com a oferta de aplicações com retornos expressivos, e 3,2 mil pessoas chegaram ao botão ‘quero investir’, o equivalente a um percentual de 20%”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adota uma abordagem empírica quantitativa. Inicialmente, realiza-se uma pesquisa bibliográfica para fundamentar conceitos e dados teóricos essenciais, conforme Marconi e Lakatos (2022). A coleta de dados foi realizada por meio de questionários enviados e retornados por e-mail, acompanhados de uma explicação sobre a natureza e importância da pesquisa (Marconi & Lakatos, 2022). Segundo Gil (2019), o questionário deve refletir os objetivos da pesquisa e ser atrativo para obter respostas precisas e sem constrangimento.

Entre as vantagens do questionário estão a economia de tempo, o alcance de um grande número de respondentes e a obtenção rápida de dados precisos, sem intervenção do pesquisador (Marconi & Lakatos, 2022). O estudo também empregou métodos estatísticos baseados na teoria da probabilidade para gerar estimativas confiáveis e reforçar as conclusões (Gil, 2019). A pesquisa descritiva foi usada para identificar características e comportamentos da amostra, e o método quantitativo foi aplicado para relatar dados com precisão sobre a percepção do risco em esquemas Ponzi (Walliman, 2015).

3.1 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários. Gil (2019) destaca que o questionário é essencial para obter dados variados e representa os objetivos da pesquisa. Juntamente com o questionário, foi enviada uma breve explicação sobre a pesquisa para atrair a participação do público (Marconi & Lakatos, 2022). O questionário, composto por questões fechadas e limitadas a alternativas, foi distribuído por e-mail utilizando a plataforma Google Forms.

Após a coleta, foram aplicados métodos quantitativos e estatísticos para analisar e interpretar os dados. Embora essas atividades tenham definições distintas, elas estão inter-relacionadas. A análise quantitativa envolveu a atribuição de pesos às respostas para exibir os resultados em forma numérica, facilitando a identificação de categorias relevantes para o objetivo do estudo (Gil, 2019).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação à coleta de dados, foi aplicado um pré-teste para cinco pessoas distintas, com o intuito de se ter certeza de que o formulário poderia atender às expectativas, sem deixar dúvidas ao público. Após o *feedback* do pré-teste, concluiu-se que não houve dúvidas em relação aos questionamentos propostos, e se iniciou a coleta de dados.

O convite para participar da pesquisa juntamente com o *link* do questionário foram enviados por e-mail. A pesquisa tem como objetivo verificar o conhecimento do público em geral e a percepção de risco em um esquema Ponzi. A coleta retornou com cento e setenta e nove respostas.

4.1 PERFIL DA AMOSTRA

Com relação ao público atingido, pode-se afirmar que a maioria das pessoas estão com mais de quarenta anos, que representa 43,3% das respostas, já o público entre trinta e quarenta anos representa 27,8%, na faixa de vinte e dois a vinte e cinco anos houve 11,7%, em seguida se obteve 8,9% de representatividade do público de vinte e seis a trinta anos, seguido pelo público entre dezoito e vinte e um anos que foi de 8,3% das respostas recebidas.

Em relação ao gênero, atingiu-se noventa e sete respostas do gênero feminino que representou 53,9% das respostas, e oitenta e duas respostas do gênero masculino com representatividade de 45,6%, e menos de 1% representado por outros gêneros.

No quesito de renda individual, 42,8% dos respondentes afirmaram receber acima de R\$ 6.600,01, já 18,3% afirmaram receber entre R\$ 1.320,00 até R\$ 2.640,00, em seguida 16,7% afirmaram receber entre R\$ 2.640,01 até R\$ 3.960,00, 14,4% afirmaram receber entre R\$ 3.960,01 até R\$ 5.280,00 e por fim 7,8% afirmaram receber entre R\$ 5.280,01 até R\$ 6.600,00.

Conforme demonstrado, 34,4% já possuem ensino superior completo, outras 27,2% possuem superior incompleto, 21,1% possuem doutorado, 12,2% possuem mestrado e 5% possuem ensino médio.

Nas questões de investimentos, 60% das pessoas afirmam possuir conhecimento sobre o mercado financeiro. Das cento e setenta e nove respostas recebidas, 53,3% afirmam que costumam fazer investimentos. Das pessoas que afirmam fazer investimentos, 79,6% costumam acompanhar de forma regular seus investimentos. Foi questionado o que seria levado em consideração na escolha do investimento, e 57,1% afirmam que buscam informações sobre o risco, enquanto 24,5% buscam informações sobre a instituição que está lhe ofertando o investimento. Além disso, 17,3% buscam informações sobre rendimentos, e apenas 1% leva em consideração indicações de amigos e familiares.

A maioria dos respondentes que costumam fazer investimentos se consideram conservadores. Na questão de qual seria a opção de investimento escolhido hoje, 53,3% das pessoas escolhem a opção dos fundos de investimentos e CDB, 12,8% das pessoas optam pela poupança, 17,8% preferem outros investimentos e 16,1% das respostas indicam que optariam por investir em uma empresa que oferece um retorno garantido de 25% ano.

Com base nos dados coletados, grande parte das pessoas já estão atentas às ofertas de investimentos *fakes*. Quando questionadas sobre insistentes publicidades em suas redes sociais sobre investimentos inovadores, como as criptomoedas, um investimento novo no mercado, se teriam interesse 71,1% afirmam que não teriam interesse, porém 28,9% teriam interesse em saber mais.

Quando questionados se o colega de trabalho lhe contou que fez um investimento a alguns meses e o retorno está sendo maior que os rendimentos oferecidos pelos bancos e sem riscos, 62,2% não teriam interesse em investir, já 37,8% teriam interesse.

Quando proposto a situação, se você fosse convidado por um amigo para uma palestra sobre investimentos e esse lhe apresentar uma oportunidade de investimento com garantia de retorno de 25% ao ano por cinco anos, você investiria? 68,9% afirmam que não investiriam e 31,1% teriam interesse em investir.

Sobre o assunto de influência, a questão proposta foi a seguinte. Em um vídeo, o assessor de investimentos conta suas experiências com investimentos nas principais empresas financeiras, relata suas conquistas e lhe oferece a mesma oportunidade de investimento com retornos atrativos, você investiria? 73,3% das respostas foram negativas, e 26,7% teriam interesse.

Em outra questão também foi abordado a influência digital. Nesse cenário um seletivo grupo de pessoas, criadoras de conteúdo digital, lhe indica um investimento com retornos atrativos onde você deve pagar um valor para poder entrar nesse investimento, você teria interesse em conhecer? 81,7% das pessoas não teriam interesse em conhecer, e apenas 18,3% teriam interesse.

4.2 ANÁLISE DE DADOS

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x2) com o objetivo de investigar se havia associação entre gênero (feminino e masculino) e se o indivíduo considera que tem conhecimentos sobre o mercado de investimentos (sim ou não). Foi encontrada uma associação significativa entre o gênero e a percepção de conhecimento sobre mercado de investimentos ($\chi^2(1) = 7,359, p < 0.001; f = 0,206$). Análises de razão demonstraram que homens têm 2,37 mais chances de considerar que conhecem o mercado de investimentos, em comparação com as mulheres.

Com isso, pode-se dizer que os homens afirmam ter mais conhecimento sobre o mercado de investimentos, e por isso, se sentem mais seguros no momento de arriscar em um novo investimento. As pesquisas realizadas demonstram que, mesmo com o crescimento do número de mulheres que investem no Brasil, isso significa menos de 2%. O público feminino em geral tende a ser mais conservador e mais prudente em relação aos riscos, e por vezes terem maior receio em arriscar, o que as leva a optar por investimentos mais passivos, como a renda fixa. Com os resultados encontrados e as pesquisas, pode-se afirmar que o fator gênero tem influência na aversão ao risco (LI; NOSSIG, 2023).

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x2) com o objetivo de investigar se havia associação entre conhecimento sobre o mercado financeiro (conhece ou não conhece) e se o respondente costuma realizar investimentos (sim ou não). Foi encontrada uma associação significativa entre a percepção de conhecimento sobre mercado financeiro e a realização de investimentos ($\chi^2(1) = 58,109, p < 0.001; f = 0,576$). Análises de razão de chance demonstraram que respondentes com conhecimento sobre o mercado financeiro apresentam 18,42 vezes mais chance de realizar investimentos, em comparação aos que consideram não ter conhecimento sobre o mercado financeiro.

Pode-se afirmar que pessoas que dizem possuir conhecimento sobre o mercado financeiro se sentem mais seguros para explorar novos investimentos. Por outro lado, as pessoas que afirmaram não ter conhecimento sobre esse mercado, não fazem ou buscam por investimentos, normalmente por medo, insegurança ou falta de conhecimento.

As pessoas tomam decisões financeiras diariamente. O simples fato de pagar à vista ou parcelado e/ou guardar ou desembolsar, exige a habilidade de dominar o dinheiro. Pode-se

mencionar que pessoas com maior conhecimento financeiro tendem a controlar seus valores, e consequentemente, poupar ou investir. Quanto maior o conhecimento financeiro, maior a segurança financeira (GONÇALVES; PONCHIO, 2018).

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x2) com o objetivo de investigar se havia associação entre conhecimento sobre o mercado de investimentos (conhece ou não conhece) e se o respondente costuma realizar investimentos (sim ou não). Foi encontrada uma associação significativa entre a percepção de conhecimento sobre mercado de investimentos e a realização de investimentos ($\chi^2(1) = 63,309$, $p < 0,001$; $f = 0,601$). Análises de razão de chance demonstraram que respondentes com conhecimento sobre o mercado de investimentos apresentam 18,02 vezes mais chance de realizar investimentos, em comparação aos que consideram que não possuem conhecimento sobre o mercado de investimentos.

Quando uma pessoa considera que possui conhecimento em algo, ela se sente mais segura em arriscar, ir em busca de algo novo. O normal já não é atrativo. Por isso, considera-se que essas pessoas que afirmam possuir conhecimento sobre o mercado de investimentos realizam mais investimentos, e por vezes variados são os investimentos, o que pode fomentar a busca por mais conhecimento e mais investimentos.

Quando se observa uma pessoa com planos e visão para o futuro, essa tende a realizar uma reserva financeira e está mais predisposta a aperfeiçoar seu conhecimento financeiro para investimentos, o que por sua vez tende a lhe proporcionar uma maior segurança financeira (GONÇALVES; PONCHIO, 2018).

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x4) com o objetivo de investigar se havia associação entre faixa etária e conhecimento sobre o mercado financeiro, na qual foi encontrada uma associação significativa ($\chi^2(4) = 12,860$, $p < 0,05$; Cramer's V = 0,271). A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes acima de 40 anos tem 3,09 vezes mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro, quando comparado com pessoas entre 18 e 21 anos; 2,88 vezes mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro comparado com indivíduos entre 22 e 25 anos; 5,88 vezes mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro comparado entre pessoas de 26 e 30 anos; e 2,00 vezes mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro ao comparar com pessoas entre 30 e 40 anos.

A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que os respondentes entre 26 e 30 anos tem 1,94 vezes mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro comparado com indivíduos entre 18 e 21 anos; 2,04 vezes mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro comparado com indivíduos entre 22 e 25 anos; e 2,94 vezes mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro comparado com indivíduos entre 30 e 40 anos de idade. Com base nos dados coletados, pode-se afirmar que as pessoas acima de quarenta anos têm mais conhecimento e experiência em relação ao mercado financeiro.

Observa-se diferentes pontos de vista quando se aborda o assunto idade *versus* conhecimento financeiro. Por exemplo, o pensamento em ter uma vida financeira estável, fazer escolhas que poderão afetar seu futuro, se privar de algo para poder economizar ou não, e deixar algumas comodidades de lado. Independentemente da idade, o mais importante é manter o autocontrole e a organização das finanças para não comprometer o futuro (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x4) com o objetivo de investigar se havia associação entre faixa etária e conhecimento sobre o mercado de investimentos, na qual foi encontrada uma associação significativa ($\chi^2(4) = 16,329$, $p < 0,05$; Cramer's V = 0,305). A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes acima de 40 anos tem 5,33 vezes mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos, ao comparar com indivíduos entre 18 e 21 anos; 2,66 mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com pessoas entre 22 e 25 anos de idade; 5,86

mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com 12 pessoas entre 26 e 30 anos; e 1,51 mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com indivíduos entre 30 e 40 anos.

A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes entre 26 e 30 anos tem 1,10 vezes mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos, ao comparar com indivíduos entre 18 e 21 anos; 2,2 mais chances de não conhecer o mercado de investimento comparado com indivíduos entre 22 e 25 anos; 3,8 mais chances de não conhecer o mercado de investimentos comparado com indivíduos entre 30 e 40 anos; e 5,86 mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com indivíduos acima de 40 anos.

Como mencionado, a questão da idade pode influenciar na busca pelo conhecimento no mercado de investimento. Quando os pais já praticam a educação financeira com seus filhos, estes buscarão por mais informações. Porém, como pode-se notar, as crianças não são incentivadas a buscar por essas informações. Muitas vezes nem seus pais têm conhecimento sobre o leque de opções que o mercado oferece, e isso poderá ocorrer mais tarde, se despertar o interesse, quando estiverem com uma vida estável e com um valor que possam investir.

De acordo com Gonçalves e Ponchio (2018), os jovens que possuem objetivos financeiros e materiais a curto ou a longo prazo tendem a não fazer compras compulsivas, usam seu dinheiro de forma mais racional, levando-os a terem uma reserva maior, o que acaba gerando uma segurança financeira e até mesmo uma busca por diversificar seus investimentos.

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x4) com o objetivo de investigar se havia associação entre renda e conhecimento sobre o mercado financeiro, na qual foi encontrada uma associação significativa ($\chi^2(4) = 21,416$, $p < 0,001$; Cramer's $V = 0,350$). A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes com salários acima de R\$ 6.600,01 tem 6,26 vezes mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro comparado com quem recebe salário entre R\$ 1.320,00 até R\$ 2.640,00; 2,88 mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro comparado com quem recebe salário entre R\$ 2.640,01 até R\$ 3.960,00; e 3,44 mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro comparado com quem recebe entre R\$ 3.960,01 até R\$ 5.280,00.

A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes com salários entre R\$ 1.320,00 e R\$ 2.640,00 tem 2,18 vezes mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro, comparado com quem recebe salário entre R\$ 2.640,01 até R\$ 3.960,00; 1,82 vezes mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro comparado com quem recebe salário entre R\$ 3.960,01 até R\$ 5.280,00; 8,46 mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro comparado com quem recebe salário entre R\$ 5.280,01 até R\$ 6.600,00; e 6,25 mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro comparado com quem receber salário acima de R\$ 6.600,01.

Quando se fala de renda, ela é um dos maiores, se não o maior fator que influencia o conhecimento sobre o mercado financeiro, pois, se não possuir uma margem para investimentos, não se terá interesse em buscar esse conhecimento. Apenas o conhecimento teórico não agrega experiências com esse mercado. Então percebe-se que a renda influencia na busca de conhecimento sobre o mercado financeiro.

Segundo o SPC Brasil (2017), o medo da perda, a falta de informação e até mesmo a desorganização financeira, são os motivos pelos quais as pessoas não buscam investimentos e não analisam a forma mais rentável para suas reservas financeiras. De acordo com as pesquisas, o problema mais recorrente para não guardarem dinheiro é a falta dele, a organização para administrar seus valores, e por vezes o desânimo em pensar que não terão um bom valor.

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x4) com o objetivo de investigar se havia associação entre renda e conhecimento sobre o mercado de investimentos,

na qual foi encontrada uma associação significativa ($\chi^2(4) = 30,267$, $p < 0,001$; Cramer's $V = 0,416$). A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes com salários acima de R\$ 6.600,01 tem 9,25 vezes mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com quem recebe salário entre R\$ 1.320,00 até R\$ 2.640,00; 2,82 mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com quem recebe salário entre R\$ 2.640,01 até R\$ 3.960,00; e 4,10 mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com quem recebe entre R\$ 3.960,01 até R\$ 5.280,00.

A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes com salários entre R\$ 1.320,00 e R\$ 2.640,00 tem 3,28 vezes mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com quem recebe salário entre R\$ 2.640,01 até R\$ 3.960,00; 2,26 vezes mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com quem recebe salário entre R\$ 3.960,01 até R\$ 5.280,00; 14,67 mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com quem recebe salário entre R\$ 5.280,01 até R\$ 6.600,00; e 9,25 mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos comparado com quem receber salário acima de R\$ 6.600,01.

Quando afirma-se que a renda é um dos fatores pelos quais o público em geral não busca mais informações sobre investimento, pode-se notar que, segundo as pesquisas realizadas pelo SPC Brasil (2020), o brasileiro tem dificuldade em criar e sustentar sua reserva financeira, além disso a grande maioria dos brasileiros não têm a prática de poupar.

A ausência de aprendizado sobre o mercado financeiro fica ainda mais nítida ao observar as pesquisas divulgadas pelo SPC Brasil (2020), que relatam que de seis em cada dez entrevistados que economizam aplicam seus valores na poupança ou até mesmo guardam o valor em suas casas, podendo utilizá-lo a qualquer hora. Com isso, pode-se identificar uma certa insegurança em outros investimentos, inclusive na ajuda oferecida pelos bancos e instituições.

Ademais, foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x5) com o objetivo de investigar se havia associação entre escolaridade e conhecimento sobre o mercado financeiro, na qual foi encontrada uma associação significativa ($\chi^2(4) = 13,853$, $p < 0,05$; Cramer's $V = 0,281$). A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes com doutorado possuem 2,67 mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro em comparação com quem possui ensino médio; 5,11 mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro em comparação com quem possui ensino superior incompleto; 3,66 mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro em comparação com quem possui ensino superior completo; e 1,19 mais chances de conhecer sobre o mercado financeiro em comparação com quem possui mestrado.

A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes com ensino superior incompleto possuem 1,19 mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro em comparação com quem possui ensino médio; 1,40 mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro em comparação com quem possui ensino superior completo; 4,31 mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro em comparação com quem possui mestrado; e 5,11 mais chances de não conhecer sobre o mercado financeiro em comparação com quem possui doutorado.

Com base nos dados, afirma-se que pessoas com nível de escolaridade superior possuem mais conhecimento sobre o mercado financeiro, a escolaridade também tem forte influência sobre isso. As pessoas que não chegaram a concluir a educação básica têm receio da busca de novos investimentos, receio de serem enganados ou até perderem suas economias. Pessoas que possuem nível superior de escolaridade normalmente já ouviram falar ou têm algum conhecimento sobre esse mercado e estão propensas a explorá-lo mais.

Uma pessoa com conhecimento no mercado financeiro é alguém que possui conhecimento para gerar lucros através de seu dinheiro, que entende o básico das normativas

desse meio, e que possui um planejamento, seja para compra de um bem ou até mesmo para contratar um empréstimo.

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x5) com o objetivo de investigar se havia associação entre escolaridade e conhecimento sobre o mercado de investimentos, na qual foi encontrada uma associação significativa ($\chi^2(4) = 17,115, p < 0,005$; Cramer's $V = 0,313$). A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes com mestrado possuem 5,63 mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com quem possui ensino médio; 6,07 mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com quem possui ensino superior incompleto; 3,31 mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com quem possui ensino super completo; e 1,2 mais chances de conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com quem possui doutorado.

A análise dos resíduos padronizados ajustados demonstrou que respondentes com ensino superior incompleto possuem 1,08 mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com quem possui ensino médio; 1,84 mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com quem possui ensino superior completo; 6,07 mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com quem possui mestrado; e 5,06 mais chances de não conhecer sobre o mercado de investimentos em comparação com quem possui doutorado.

De acordo com Costa (2018), no Brasil uma pessoa com ensino superior completo pode ganhar até 2,5 vezes mais que uma pessoa que possui ensino médio. No Brasil, há uma grande concentração de serviços que, por vezes, não exige qualificação, e sua remuneração acaba sendo depreciada.

Como mencionado anteriormente, a escolaridade é um fator de influência no conhecimento do mercado de investimentos. Pode-se afirmar isso também com base na sociedade brasileira. Normalmente, pessoas com maior nível educacional tendem a ter empregos com melhor remuneração e benefícios mais significativos, e com isso, podem explorar o mercado de investimentos.

Foi realizado um teste de qui-quadrado de independência (2x2) com o objetivo de investigar se havia associação entre gênero (feminino e masculino) e se o indivíduo costuma realizar investimentos (sim ou não). Não foi encontrada uma associação significativa entre as variáveis ($\chi^2(1) = 1,272, p = 0,259$; $\phi = 0,086$).

Foram realizados testes de qui-quadrado de independência com o objetivo de investigar se havia associação entre gênero e as variáveis 1, 2, 3, 4 e 5, as quais apresentam situações hipotéticas em que o respondente deve escolher se investiria ou não. Não foram encontradas associações significativas entre as variáveis.

Foram realizados testes de qui-quadrado de independência com o objetivo de investigar se havia associação entre idade e as variáveis 1, 2, 3, 4 e 5, as quais apresentam situações hipotéticas em que o respondente deve escolher se investiria ou não. Não foram encontradas associações significativas entre as variáveis.

Foram realizados testes de qui-quadrado de independência com o objetivo de investigar se havia associação entre renda e as variáveis 1, 2, 3, 4 e 5, as quais apresentam situações hipotéticas em que o respondente deve escolher se investiria ou não. Não foram encontradas associações significativas entre as variáveis.

Foram realizados testes de qui-quadrado de independência com o objetivo de investigar se havia associação entre escolaridade e as variáveis 1, 2, 3, 4 e 5, as quais apresentam situações hipotéticas em que o respondente deve escolher se investiria ou não. Não foram encontradas associações significativas entre as variáveis.

Nestes testes, não foram encontradas associações significativas entre as variáveis. Isso indica que não foi possível identificar uma relação padrão entre as respostas, e consequentemente os dados não foram válidos.

Ao se notar uma crescente transformação no setor financeiro, o tradicional está sendo sufocado pelos desafios da transformação digital. Isso acaba influenciando diretamente em cada indivíduo e em suas decisões, que estão mais rápidas e acessíveis, proporcionando comodidade (SOUZA, 2023).

Novos meios de pagamentos digitais, agilidade, automação e uma das maiores transformações foi o surgimento dos bancos digitais que conquistaram seu espaço. Recentemente, foi lançado o sistema *Open Banking*, que facilita as transações e até permite a transição entre as instituições financeiras. São transformações evidentes na forma de relacionamento entre as instituições e seus clientes, serviços personalizados que visam à satisfação do público (CERTIFICADO DIGITAL, 2021).

Deste modo, a partir dos resultados obtidos pela aplicação do questionário, tem-se que a percepção de risco na identificação de um esquema fraudulento é influenciada pelo conhecimento que os indivíduos têm sobre o mercado de investimentos. Homens são 2,37 vezes mais propensos a se considerar conhecedores do mercado em comparação às mulheres, o que sugere uma disparidade de gênero na educação financeira. Aqueles que se sentem mais informados tendem a ter mais confiança para explorar novas oportunidades, reduzindo a vulnerabilidade a fraudes. Além disso, pessoas acima de 40 anos, devido à experiência, apresentam uma percepção de risco mais refinada. A renda também é um fator relevante, já que indivíduos com salários acima de R\$6.600,01 têm uma probabilidade 6,26 a 9,25 vezes maior de entenderem sobre investimentos em comparação aos que ganham menos. Por fim, o nível de escolaridade é determinante, uma vez que aqueles com formação superior possuem maior conhecimento financeiro. Portanto, a percepção de risco na identificação de esquemas fraudulentos é intimamente ligada à educação e à experiência financeira, destacando a importância de programas que promovam esse conhecimento entre diferentes grupos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a percepção de risco relacionada a esquemas fraudulentos, com ênfase na identificação de características que podem indicar a presença de tais esquemas e na eficácia das medidas preventivas adotadas pelos investidores. Os resultados indicaram que a percepção de risco na identificação de um esquema fraudulento é significativamente influenciada pelo conhecimento que os indivíduos têm sobre o mercado de investimentos. Homens são 2,37 vezes mais propensos a se considerar conhecedores do mercado em comparação às mulheres, o que sugere uma disparidade de gênero na educação financeira. Aqueles que se sentem mais informados tendem a ter mais confiança para explorar novas oportunidades, reduzindo a vulnerabilidade a fraudes. Além disso, pessoas acima de 40 anos, devido à experiência, apresentam uma percepção de risco mais refinada. A renda também é um fator relevante, já que indivíduos com salários acima de R\$6.600,01 têm uma probabilidade 6,26 a 9,25 vezes maior de entenderem sobre investimentos em comparação aos que ganham menos. Por fim, o nível de escolaridade é determinante, uma vez que aqueles com formação superior possuem maior conhecimento financeiro. Portanto, a percepção de risco na identificação de esquemas fraudulentos é intimamente ligada à educação e à experiência financeira, destacando a importância de programas que promovam esse conhecimento entre diferentes grupos.

Foi observado que, apesar da disponibilidade de informações seguras em sites governamentais, a população muitas vezes não utiliza essas fontes para verificar a credibilidade

de investimentos e agentes financeiros. A falta de conscientização e o uso limitado da tecnologia para proteger-se contra fraudes destacam a necessidade de um maior esforço educativo e de conscientização pública.

Além disso, a pesquisa revelou uma lacuna na literatura atual sobre esquemas fraudulentos, com poucos estudos recentes abordando casos contemporâneos. Isso sugere que o tema, embora frequentemente noticiado, é rapidamente esquecido, e que mais pesquisas são necessárias para compreender as variações e a evolução desses golpes.

Diante dos resultados obtidos, recomenda-se a replicação deste estudo com diferentes grupos-alvo e a inclusão de vítimas de esquemas fraudulentos para obter uma compreensão mais completa das consequências e das medidas corretivas após o ocorrido. Tais investigações podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes na prevenção de fraudes e na proteção dos investidores.

REFERÊNCIAS

CERTIFICADO DIGITAL. **As 4 transformações do mercado financeiro que vão impactar o seu negócio.** 2021. Disponível em:

<https://serasa.certificadodigital.com.br/blog/comunicacao/as-4-transformacoes-do-mercado-financeiro-que-vao-impactar-o-seu-negocio/>. Acesso em: 01 out. 2023.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (Brasil). **As principais atribuições da CVM.**

Portal do investidor, set. 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/investir/cuidados-ao-investir/o-papel-da-cvm/as-principais-atribuicoes-da-cvm>. Acesso em: 23 abr. 2023

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (Brasil). **Boletim de proteção do consumidor/investidor: investimentos irregulares.** Portal do investidor, jun. 2022b.

Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/publicacoes-educacionais/boletins/boletimconsumidorinvestidor-2.pdf/view>. Acesso em: 23 abr. 2023.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (Brasil). **Criptoativos – série alertas.** Portal

do investidor, jun. 2022c. Disponível em: https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/publicacoes-educacionais/alertas/alerta_cvm_criptoativos_10052018.pdf/view. Acesso em: 23 abr. 2023.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (Brasil). **Mercado Forex.** Portal do investidor,

set. 2022d. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/investir/cuidados-ao-investir/evitando-problemas/principais-fraudes-e-esquemas-irregulares/mercado-forex>. Acesso em: 29 abr. 2023.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS (Brasil). **Pirâmides financeiras e esquemas**

Ponzi. Portal do investidor, set. 2022e. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/investir/cuidados-ao-investir/evitando-problemas/principais-fraudes-e-esquemas-irregulares/piramides-financeiras-e-esquemas-ponzi>. Acesso em: 21 abr. 2023.

COSTA, Daiane. **No Brasil, quem tem diploma ganha mais que o dobro do trabalhador**

com ensino médio. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/no-brasil-quem-tem-diploma-ganha-mais-que-dobro-do-trabalhador-com-ensino-medio-23279970>. Acesso em: 24 set. 2023.

COTIAS, Adriana. **Fraude financeira avança com juro baixo e rede social**. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/comite-consultivo-de-educacao-da-cvm/iniciativas/arquivos/jornal_nacional-36-fraude_financeira_avanza_com_juro_baixo_e_rede_social-adriana_cotias.pdf/view. Acesso em: 21 abr. 2023.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Vítimas da Telexfree começam a ser ressarcidas do prejuízo financeiro**. 2022. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/economia/2022/08/vitimas-da-telexfree-comecam-a-ser-ressarcidas-do-prejuizo-financeiro.html>. Acesso em: 23 abr. 2023.

DIAS, Silvia Daniela Antunes Silva. **Caraterização e identificação de Esquemas Ponzi: casos Charles Ponzi, Bernard Madoff e Dona Branca**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Curso de Auditoria) - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. Lisboa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/6556/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Final.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2023.

DUARTE, Adriano. **"Estamos apavorados", diz empresário de Caxias que perdeu R\$ 600 mil em aplicação de criptomoedas**. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2019/08/estamos-apavorados-diz-empresario-de-caxias-que-perdeu-r-600-mil-em-aplicacao-de-criptomoedas-11101866.html>. Acesso em: 04 abr. 2023.

GASPARIN, Gabriela. **Entenda o caso Telexfree**. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2013/03/entenda-o-caso-telexfree.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, Virgínia Nicolau; PONCHIO, Mateus Canniatti. Quem Pensa no Futuro Poupa Mais? O Papel Mediador do Conhecimento Financeiro na Relação entre Orientação para o Futuro e Segurança Financeira Pessoal. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 472-486, set. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4717/471759752002/471759752002.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

GRUPPI, Mariel Gouvea; HORBUCZ, Kessyane da Silva Novaes. **Finanças Comportamentais**. Curitiba: Contentus, 2020.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (Brasil). **O MPF de olho nas pirâmides financeiras: saiba como distinguir um investimento financeiro de um golpe**. Brasília: MPF/2ªCCR, 2016. Disponível em: http://bibliotecadigital.mpf.mp.br/bdmpf/bitstream/handle/11549/109602/15_O_MPF_de_olho_Piramides_financeiras.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 abr. 2023.

PORTAL DO BITCOIN. **Pirâmide financeira Ideal, que deixou prejuízo de R\$ 1 bilhão, decreta falência.** 2023. Disponível em: <https://portaldobitcoin.uol.com.br/piramide-financeira-ideal-que-deixou-prejuizo-de-r-1-bilhao-decreta-falencia/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

RONCADOR, Sérgio Roberto. De Charles Ponzi à empresa avestruz master: a pirâmide financeira e o conceito de dano moral coletivo na jurisprudência do STJ. **Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros**, Brasília, ano 13, vol. XIII, n. 45, p. 1-14, set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.processus.com.br/index.php/egjf/article/view/792/825>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SANTOS, Vanessa Braga; SPERS, Valéria Rueda Elias; CREMONEZI, Graziela Oste Graziano. As diferenças entre marketing multinível e as pirâmides financeiras ou “esquema de pirâmides”. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 16, n. 2, jun. 2017, p. 243-251. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/12180>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SECURITIES EXCHANGE COMMISSION (EUA). **Ponzi Schemes Using Virtual Currencies.** jul. 2013. Disponível em: https://www.sec.gov/files/ia_virtualcurrencies.pdf. Acesso em: 31 mar. 2023

SPC BRASIL. **Poupança ainda é o investimento mais escolhido pelos brasileiros, aponta levantamento CNDL/SPC Brasil.** 2020. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/indice/7272>. Acesso em: 08 set. 2023.

SPC BRASIL. **58% dos investidores desconhecem as melhores taxas de retorno do mercado, mostram SPC Brasil e CNDL.** 2017. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/2486>. Acesso em: 10 set. 2023.

SOUZA, Ronaldo. **Tecnologia e Finanças Digitais: Uma Análise Comportamental.** 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/penso-logo-invisto/tecnologia-e-financas-digitais-uma-analise-comportamental>. Acesso em: 24 set. 2023.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amancio; BATAGLIA, Regiane Tardiolle Manfre; SEREIA, Vanderlei José. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 61-86, set./dez. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2737/273721469004.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

ZOGBI, Paula (org.). **Lugar de mulher é onde ela quiser? A disparidade de gênero no mercado de trabalho e investimentos.** Expert XP, 2023. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/wp-content/uploads/2023/03/20230308-Tematico-Dia-Internacional-da-Mulher-2023.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.